



SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS MATERNAS ASSOCIADAS AO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO

FEELINGS AND MATERNAL EXPERIENCES ASSOCIATED WITH THE BREASTFEEDING PROCESS

SENTIMIENTOS Y EXPERIENCIAS MATERNAS ASOCIADAS AL PROCESO DE LACTANCIA

Clarice Merel Soares da Silva¹, Cleunir de Fátima Candido De Bortoli², Gisele Iopp Massafera³, Marialice Silverio⁴, Priscila Bisognin⁵, Lisie Alende Prates⁶

RESUMO

Objetivo: conhecer os sentimentos e as vivências maternas associadas ao processo de amamentação. **Método:** estudo qualitativo descritivo, realizado com oito puérperas, por meio de entrevista individual semiestruturada. Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo temática da proposta operativa. O estudo teve aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Protocolo 106/14. **Resultados:** emergiram três categorias: << Desvelando sentimentos a partir da vivência da amamentação >>; << O apoio à mulher durante a amamentação >> e << As orientações sobre amamentação na visão de puérperas >>. **Conclusão:** identificou-se a predominância de sentimentos positivos associados ao aleitamento materno. Em relação às vivências maternas, verificou-se que o apoio da família e do ambiente de trabalho são fundamentais para o sucesso da amamentação. A atuação do enfermeiro também foi imprescindível para que as mulheres e seus familiares pudessem vivenciar satisfatoriamente esse período. **Descritores:** Saúde da Mulher; Aleitamento Materno; Emoções; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to know the feelings and maternal experiences associated with breastfeeding. **Method:** a descriptive qualitative study, conducted with eight mothers, through semi-structured individual interviews. Data were analyzed by the thematic content analysis technique of the operative proposal. The research project of the study was approved by the Research Ethics Committee, Protocol 106/14. **Results:** Three categories emerged: << Unveiling feelings from the breastfeeding experience >>; << Support for women during breastfeeding >> and << The guidance on breastfeeding in the view of mothers >>. **Conclusion:** it was identified the predominance of positive feelings associated with breastfeeding. Regarding maternal experiences, it was found that the support from family and work environment is key to successful breastfeeding. The nurse's performance was also essential so that women and their families could experience satisfactorily that period. **Descriptors:** Women's Health; Breastfeeding; Emotions; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: conocer los sentimientos y las experiencias maternas asociadas al proceso de la lactancia. **Método:** estudio cualitativo descriptivo, realizado con ocho puérperas, por medio de entrevista individual semiestruturada. Los datos fueron analizados por la técnica de análisis de contenido temática de la propuesta operativa. El estudio tuvo aprobado el proyecto de investigación por el Comité de Ética en Investigación, Protocolo 106/14. **Resultados:** surgieron tres categorías: << Desvelando sentimientos a partir de la experiencia de la lactancia >>; << El apoyo a la mujer durante la lactancia >> y << Las orientaciones sobre lactancia en la visión de las puérperas >>. **Conclusión:** se identificó la predominancia de sentimientos positivos asociados a la lactancia materna. En relación a las experiencias maternas, se verificó que el apoyo de la familia y del ambiente de trabajo son fundamentales para el suceso de la lactancia. La actuación del enfermero también fue imprescindible para que las mujeres y sus familiares puedan vivenciar satisfactoriamente ese período. **Descritores:** Salud de la Mujer; Lactancia Materno; Emociones; Enfermería.

¹Enfermeira egressa, Faculdade de Pato Branco/FADEP. Pato Branco, Paraná (PR), Brasil. E-mail: claricemerel@hotmail.com; ²Enfermeira, Professora, Curso de Enfermagem, Faculdade de Pato Branco/FADEP. Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria/PPGEnf/UFSM. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: cleunir_candido@hotmail.com; ³Enfermeira, Professora / . Coordenadora, Curso de Enfermagem, Faculdade de Pato Branco/FADEP. Pato Branco, Paraná (PR), Brasil. E-mail: giseleiopp@fadep.br; ⁴Graduação em Ciências Econômicas, Faculdade Reunidas de Administração e Ciências Contábeis de Palmas FACEPAL. Palmas (PR), Brasil. E-mail: marialicesilverio@terra.com.br; ⁵Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria/PPGEnf/UFSM. Bolsista CAPES. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: pribisognin@gmail.com; ⁶Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria/PPGEnf/UFSM. Bolsista CAPES. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: lisiealende@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é considerado uma importante estratégia natural de vínculo, afeto, proteção e nutrição para a criança e constitui a mais sensível, econômica e eficaz intervenção para redução da morbimortalidade infantil. Consiste em um processo no qual a criança recebe leite materno, direto da mama ou ordenhado, independentemente de receber ou não outros alimentos.¹

O Ministério da Saúde recomenda que o aleitamento materno exclusivo, àquele em que o lactente recebe leite materno de sua mãe ou nutriz ou leite materno extraído, sem receber nenhum outro líquido ou sólido, exceto vitaminas, suplementos minerais ou medicamentos, ocorra até o sexto mês de vida da criança e seja complementado a partir dos dois anos de idade ou mais. Sabe-se que não existem vantagens em se iniciar a alimentação complementar antes dos seis meses, podendo, inclusive, representar prejuízos à saúde da criança.¹

Várias organizações de saúde enfatizam que as práticas alimentares possuem impacto significativo no estado nutricional, crescimento, desenvolvimento, saúde e sobrevivência das crianças, e defendem o aleitamento materno como o melhor alimento para a criança na busca pela redução da morbimortalidade infantil.² Entretanto, ainda que comprovado o reconhecimento da importância do aleitamento materno, as taxas de amamentação ainda apresentam-se aquém do esperado, sendo a prevalência do desmame precoce ainda uma realidade em muitas partes do mundo.³

O desmame precoce surge a partir de representações ambíguas e complexas, nas quais existem contradições entre sentimentos negativos e positivos sobre o ato de amamentar e as implicações na vida e nas relações interpessoais. Nesse sentido, destaca-se a importância do desenvolvimento de programas de incentivo ao aleitamento materno, que considerem os aspectos determinantes para essa prática, os quais se encontram atrelados às crenças, valores, normas sociais, dentre outros.³

Enfatiza-se que, no estabelecimento do aleitamento materno, também estão implicadas as experiências vivenciadas anteriormente pelas mulheres, suas percepções em relação ao aleitamento e sobre sua própria condição de lactante, além das inseguranças e dificuldades enfrentadas. Nesse contexto, as pessoas com maiores experiências, em especial os familiares,

exercem influência importante nas condutas relacionadas à amamentação.⁴

A decisão da mulher em amamentar seu filho está interligada a sua história de vida, bem como aos aspectos emocionais, familiares, sociais e econômicos, as representações sociais e culturais e à subjetividade de cada mulher. Diante do exposto, este estudo balizou-se a partir da seguinte questão de pesquisa: “Quais as vivências e os sentimentos desvelados em um grupo de mulheres diante do processo de amamentação?”, com o objetivo de conhecer os sentimentos e as vivências maternas associadas ao processo de amamentação.

MÉTODO

Estudo descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvida com oito puérperas que frequentaram a Unidade Básica de Saúde e cujos filhos estavam em acompanhamento no serviço de puericultura. Este serviço de saúde situa-se na região Sudoeste do Estado do Paraná, Brasil. Utilizou-se como critérios de inclusão, idade acima de 18 anos, ter vivenciado o processo de amamentação, independentemente do tempo de duração e cujos filhos estão em acompanhamento no serviço de puericultura e idade inferior a dois anos de idade.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista individual semiestruturada, a qual foi gravada e, posteriormente, transcrita. A análise dos dados deu-se por meio da técnica de análise de conteúdo temática da proposta operativa.⁵ As mulheres foram convidadas a participar de forma voluntária e a autorização referente à participação foi firmada pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para garantir o anonimato das participantes, elas foram identificadas pelo sistema alfanumérico por meio da letra “N” de nutriz, acompanhada de um numeral. Foram tomados todos os cuidados éticos referentes à pesquisa envolvendo seres humanos, conforme Resolução 466/2012.⁶ O estudo teve aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética, com número de registro 106/14.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto ao perfil das participantes, obtiveram-se os seguintes resultados: faixa etária entre os 24 e 37 anos, havendo uma concentração entre os 25 e 31 anos; quatro eram donas de casa e quatro estavam inseridas no mercado de trabalho, sendo três professoras e uma vendedora; o número de filhos variou entre um e dois, identificando-se

Silva CMS da, De Bortoli CFC, Massafera GI et al.

Sentimentos e vivências maternas associadas ao...

apenas uma mulher com cinco filhos. Mediante a análise das falas das mulheres entrevistadas, emergiram três categorias intituladas “Desvelando sentimentos a partir da vivência da amamentação”; “O apoio à mulher na amamentação” e “As orientações sobre amamentação na visão de puérperas”, as quais serão apresentadas na sequência.

◆ Desvelando sentimentos a partir da vivência da amamentação

A fase de amamentação é um momento único na vida da mulher, que pode acarretar em uma multiplicidade de sentimentos, os quais podem variar de uma mulher para outra, como em uma mesma mulher, dependendo das experiências vivenciadas. Ao amamentar, a nutriz experimenta diferentes sentimentos, atribuindo significados diversos, segundo o que apreendeu no próprio ato de amamentar. Reconhece-se que estes sentimentos podem ser positivos ou negativos. No presente estudo, verificaram-se muitas falas que remeteram a sentimentos positivos, conforme evidenciam as falas.

A amamentação é algo único, uma grande felicidade, inexplicável. (N1)

É um sentimento inexplicável, não tem palavras para explicar. Só vivendo isso tudo. (N2)

Eu sinto quando meu leite desce. É muito bom. A primeira vez eu não tinha bico, mas eu não desisti jamais. Insisti [...] e hoje amamento muito bem. Vou oferecer até que ele queira [...] Sempre sonhei em amamentar meu filho. (N4)

Quando amamentei pela primeira vez, fiquei muito emocionada, pois via que eu tinha o que meu bebê precisava e senti a importância daquele momento para mim e para ela também, não apenas como alimentação, mas como um laço de afeto único entre nós. (N5)

É um amor muito grande. Esse eu vou amamentar até que ele queira. (N6)

É um sentimento único, um momento meu e dele. Um vínculo maior que a vida. Não me imagino sem amamentar. (N7)

Foi um sentimento único, me senti dando a vida o meu filho pela segunda vez. E a cada dia vi o seu desenvolvimento com muita alegria. (N8)

As falas, por si só, apontam que as mulheres tiveram experiências positivas ao alimentar seus bebês com o leite materno, inclusive reconhecendo o benefício desse alimento para a saúde da criança. Além disso, as mulheres que amamentam visualizam no vínculo afetivo mãe-filho a grande justificativa para a continuidade do aleitamento.

Em estudo⁷, as mulheres entrevistadas também justificaram a criação de vínculo afetivo entre mãe e bebê durante a amamentação como o motivo para continuar amamentando. Autores⁸ explicam que a amamentação proporciona à mulher a sensação de estabelecimento de vínculo, pois após o parto, geralmente, manifesta-se um sentimento de vazio em decorrência da separação repentina e bruta causada pelo parto. Enquanto outros autores⁷ acreditam que o vínculo se concebe a partir das vivências anteriores ou das relações familiares, as quais são marcas culturais impregnadas no contexto cultural de cada mulher.

Além das sensações de alegria e felicidade, a amamentação também pode gerar sentimentos negativos às mulheres, entre eles, insegurança, especialmente quando se tratam de primíparas, já que estas não possuem qualquer experiência anterior com amamentação. Assim, uma das participantes revelou-se insegura em face ao processo de amamentação.

Me senti um pouco insegura por ser meu primeiro filho, mas, de certa forma, também achei que estava preparada, pois tinha me informado bastante sobre isso. (N5)

Observa-se que, apesar da mulher ter relatado que foi orientada pelos profissionais de enfermagem a respeito de inúmeros aspectos ligados à amamentação, ainda permaneceu o sentimento de insegurança, sobretudo, por se tratar de seu primeiro filho. Autora⁹ aponta que tais sensações, geralmente, se manifestam nos primeiros momentos entre primíparas, contudo, as emoções negativas podem ser superadas com o passar dos dias, mediante muito apoio e orientação dos profissionais de saúde e familiares. Nesse contexto, depreende-se que a prática do aleitamento materno se caracteriza em um importante desafio aos profissionais de saúde, uma vez que o processo de amamentação depende das condições de vida e de trabalho, do momento vivido pela mulher, de suas experiências anteriores, do contexto sócio cultural e, também, da compreensão que a sociedade tem a respeito da amamentação.⁴

Ademais, verificou-se que o momento em que optaram pelo desmame também gerou muitos sentimentos às mulheres. Algumas participantes manifestaram sentimentos de tristeza e outras de alegria por terem conseguido amamentar até o sexto mês de vida da criança ou mais.

Quando parei de amamentar foi uma grande frustração, pois me senti impotente diante da situação. (N1)

Não foi fácil deixar aquela coisinha tão pequenininha. No começo, a minha mãe cuidou para mim, e depois tive que deixar na creche. Eu não tinha condições mais de tirar, pois o meu leite secou e eu me senti muito frustrada, por não conseguir mais amamentar. (N2)

Quando parei de amamentar me senti tranquila, pois tinha amamentado um tempo e percebi que meu leite tinha diminuído bastante, então achei que já estava na hora de parar, pois seria melhor para minha nutrição e do bebê também. (N5)

Observa-se o sentimento de frustração das mulheres que deixaram de amamentar o bebê, por necessitarem retornar ao trabalho. Diferentemente da participante N5, que recebeu apoio da empresa e pode amamentar seu filho até os seis meses, favorecendo a manifestação de sentimentos de tranquilidade.

Diante destes achados, ressalta-se que a mulher pode conciliar a prática de aleitar com suas atividades laborais. Para tanto, faz-se necessária a criação de espaços no ambiente de trabalho para a prática da amamentação, de forma a contribuir para a maior duração do aleitamento materno.¹⁰

◆ O apoio à mulher durante a amamentação

Quanto ao apoio recebido no processo de amamentação, identificaram-se dois cenários em que este se estabeleceu, ou não, a família e o local de trabalho. No tocante ao ambiente familiar, verificou-se que o companheiro representou o maior apoiador da prática de amamentação, reconhecendo sua importância, especialmente, para a saúde da criança.

Meu companheiro queria que eu amamentasse por mais tempo. Ele achava importante pelo leite ter o melhor suprimento e vitaminas. (N1)

Recebi muito apoio do meu companheiro, porque ele tem consciência que é o melhor alimento para o nosso bebê. (N2)

Tive apoio do meu marido. Ele sempre teve consciência da importância do leite materno. (N3)

Meu companheiro e minha família sempre me incentivaram por achar a amamentação importante para o desenvolvimento saudável do bebê. (N5)

Recebi sempre apoio do meu marido para amamentar, pois é mais barato. (N6)

No conteúdo destas falas, evidencia-se o apoio da família, particularmente do companheiro, e o reconhecimento da importância do aleitamento materno,

sobretudo, no entendimento que o leite da mãe traz benefícios para a saúde da criança ao fornecer todos os nutrientes necessários, além de ser uma prática economicamente viável para a família, fator este também reconhecido pelo Ministério da Saúde.¹

Conforme os relatos das puérperas, percebe-se que a valorização sobre a prática da amamentação apoia-se nos benefícios para a saúde da criança. Infere-se que a amamentação vista sob essa perspectiva se justifica, especialmente, devido aos discursos técnicos e acadêmicos, bem como a mídia e suas campanhas publicitárias, que, habitualmente, dão ênfase aos aspectos biológicos da amamentação¹¹ e relacionam o ato de amamentar a uma forma de atender as necessidades da criança, desconsiderando e, muitas vezes, até desconhecendo os benefícios da prática para a saúde da mulher.

Outro aspecto a ser destacado se refere à influência exercida pelos familiares no processo de amamentação. Desse modo, pode-se verificar, por meio das falas das participantes, que o apoio e a opinião das pessoas próximas à mulher, em especial os companheiros, têm papel importante nesta fase. Nesse ínterim, autores¹² enfatizam que, durante esse período, o companheiro pode influenciar tanto de forma positiva como negativa.

De maneira positiva, ele pode fornecer suporte à mulher na fase de aleitamento materno, ao colocar-se próximo dela, ajudando-a, incentivando-a e apoiando-a nos cuidados com o(s) filho(s).¹³ No presente estudo, segundo as puérperas, eram os companheiros que reforçavam a importância do aleitamento materno para a saúde da criança, mostrando-se, assim, incentivadores e apoiadores da amamentação. Nessa direção, autores¹³ enfatizam que o ato de amamentar pode ser vivenciado por todos, mulheres e homens.

Portanto, considera-se que a fase de amamentação pode configurar-se em um momento de vínculo não apenas entre mãe e bebê, mas também entre mãe, pai e filho, além de permitir um maior envolvimento, união e harmonização entre o casal. Assim, destaca-se a importância de abranger o companheiro nas ações que envolvem o aleitamento materno, pois este, quando empoderado, pode apresentar-se como um protetor e motivador desta prática.¹⁴

Ainda associado ao apoio familiar, uma das participantes referiu ter optado pelo desmame precoce do filho. Conforme exposto por ela, a família compreendeu e a acolheu em sua decisão.

Silva CMS da, De Bortoli CFC, Massafera GI et al.

Sentimentos e vivências maternas associadas ao...

A maioria das pessoas [da família] queria que eu continuasse amamentando, mas quando expliquei meu ponto de vista, compreenderam e não se opuseram. Acredito que isso é algo muito particular e individual e cabe à mãe distinguir quando parar e a razão para isso. (N5)

Percebe-se a importância do apoio da família, nesta situação, ao compreender a escolha da puérpera e não culpabilizá-la por sua decisão. Salienta-se, ainda, a importância de ampliar a discussão sobre a amamentação nos diferentes contextos sociais, permitindo que esta possa ser vista como uma das tantas possibilidades na vida da mulher e não apenas como uma opção única e obrigatória a todas as mulheres,¹⁵ desconsiderando, assim, suas escolhas, sentimentos, valores, trajetórias de vida e planos pessoais.

Além do apoio da família, as participantes também destacaram a importância do apoio no local de trabalho. Nesse sentido, no grupo pesquisado, a volta ao trabalho mostrou-se como um momento delicado na vida da mulher. Assim, observou-se que, após regressar para suas atividades laborais, apenas uma delas deu continuidade ao aleitamento.

Não tive apoio da empresa, nem mesmo para tirar o leite. (N2)

Não tive incentivo do meu trabalho para amamentar, pois aos quatro meses voltei a trabalhar e minha filha não toma mamadeira com outra pessoa e não se alimentava de forma alguma. (N3)

Quando voltei ao trabalho continuei amamentando, pois tinha horário flexível e conseguia programar os horários para amamentar. (N5)

Observa-se que a maioria das empresas não apoiou a prática de aleitamento materno. As empresas não possibilitaram que as mulheres se deslocassem até seus lares, nem permitiram que alguém levasse a criança até o local de trabalho da mulher para ser amamentada. Nota-se também que a maioria das empresas são intransigentes, até mesmo, quando a mãe justifica a necessidade de amamentar a criança. Assim, revelam-se indiferentes a questão do aleitamento materno, estando sua preocupação voltada para a produtividade de suas trabalhadoras. Diante disso, autores¹⁶ ressaltam a importância do apoio das empresas, nessa fase, permitindo que as mulheres possam organizar sua vida pessoal e vivenciar simultaneamente a maternidade, o processo de amamentação e a vida profissional.

Outra questão que emergiu, nas falas, envolveu a licença-maternidade. Nessa perspectiva, foram identificadas vivências diferentes, em uma delas, à puérpera foi

concedida a licença-maternidade; na outra, a mulher fez o pedido e este foi negado.

A empresa não se opôs ou criou problemas, pois no horário que eu tinha que cumprir estava lá para trabalhar. Então, a amamentação não interferiu em meu trabalho e vice-versa. Nunca tirei leite. Eu tive quatro meses de licença-maternidade e permaneci mais dois em casa, pois estava em férias. (N5)

Fiz o pedido de seis meses, mas me foi negado. Minha filha está com problemas emocionais, tenta arrancar os cabelos e chora muito. Eu acho importante que a licença-maternidade fosse até o sexto mês, pelo fato de que a criança já come e é mais fácil alimentar, mas, infelizmente, eu não consegui (choro da mãe). (N3)

Em face ao exposto, ressalta-se que o contexto no qual a mulher está inserida exerce importante influência na prática da amamentação. Desse modo, para que a amamentação se estabeleça com sucesso e tenha continuidade, é necessário constante incentivo e suporte não só dos profissionais de saúde e da família, mas da sociedade como um todo, a qual se incluem as empresas. Sendo assim, não basta somente a opção da mulher em aleitar, ela também necessita estar inserida em um cenário que lhe forneça apoio e suporte para amamentar.¹

♦ As orientações sobre amamentação na visão de puérperas

Durante as entrevistas, as puérperas ainda mencionaram as orientações fornecidas pelos profissionais de saúde sobre amamentação. Estas orientações incluíram cuidados com a mama durante a fase de lactação e, na maioria das vezes, foram fornecidas pela enfermeira.

A enfermeira me orientou como fazer com as mamas e eu já tinha quatro filhos e era bem experiente. No primeiro filho, eu não sabia da importância de amamentar e acabei desmamando. Naquele tempo, a orientação era outra, hoje é bem melhor. (N1)

A enfermeira me orientou [...] Ela disse para eu fazer massagem, movimentar o bico, tomar banho de sol para fortalecer o seio, para prepará-los para amamentar. (N2)
A enfermeira me orientou quanto à amamentação no meu sétimo mês de gravidez e me disse para eu preparar as minhas mamas, pois poderia acontecer rachaduras logo que o bebê fosse mamas. Me orientou a não usar sutiã para fortalecer os seios, colocá-los no sol e massagear os bicos, o que foi muito importante para mim. (N8)

Verifica-se, no conteúdo de uma das falas, um reconhecimento positivo em relação às

Silva CMS da, De Bortoli CFC, Massafera GI et al.

Sentimentos e vivências maternas associadas ao...

orientações fornecidas pela enfermeira. Nessa direção, a depoente, inclusive, admite que desmamou o filho precocemente devido à falta de orientações, enquanto que, na segunda gestação, infere-se que ela se sentiu mais preparada, pois havia sido orientada sobre amamentação.

Os profissionais da saúde representam importantes agentes na promoção, na proteção e no apoio à amamentação, por meio de ações educativas, ensino quanto à técnica adequada da amamentação, observação das mamadas, apoio verbal, formação de grupos de gestantes e/ou puérperas, entre outras atividades. Entretanto, a maioria dessas ações está centrada no caráter biomédico. Nesse sentido, ressalta-se a importância de assistir a mulher no processo de amamentação, considerando não somente a dimensão biológica, mas valorizando também fatores sociais, culturais, familiares, econômicos e emocionais que também influenciam no ato de amamentar.⁷

No que se refere à enfermeira, citada pelas participantes como a profissional de saúde que forneceu as orientações necessárias sobre amamentação, considera-se que esta teve uma atuação importante nesse processo, auxiliando as mulheres na adesão e manutenção desta prática. Assim, uma das puérperas ainda destacou que a enfermeira a orientou ainda no pré-natal, no terceiro trimestre gestacional, período este considerado por alguns autores¹⁷ como o momento mais indicado para fornecer estas orientações.

Com relação à atuação de outros profissionais de saúde, entre eles, o médico, uma das depoentes destacou a atuação do enfermeiro e do médico no fornecimento de informações em relação à amamentação. Enquanto que outra relatou ter recebido orientações somente do médico, sendo possível identificar, neste segundo relato, um distanciamento do enfermeiro neste processo. Contudo, a entrevistada ainda enfatiza a pouca participação do médico e os meios utilizados por ela para sanar suas dúvidas e obter as informações necessárias.

Tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas, tanto com a enfermeira quanto com a médica. (N3)

Na verdade, tive orientação apenas com meu médico e foi um pouco vago. A maioria das coisas que descobri, pesquisei lendo artigos na internet e em revistas sobre o assunto. (N5)

Em se tratando da atuação do médico, autores¹⁸ ponderam que a formação em medicina ainda é muito deficitária em relação ao ensino sobre os aspectos relacionados ao

aleitamento materno, fazendo com que, muitos profissionais, ao saírem da academia, mostrem-se despreparados para lidar com o processo de amamentação. Diante disso, as mulheres, em especial uma deste estudo, precisam procurar outros meios para obter os conhecimentos necessários. Algumas buscam outros profissionais de saúde e outras utilizam os meios de comunicação.

No presente estudo, observou-se a importância da atuação da enfermeira na prática da amamentação, fornecendo orientações essenciais para o sucesso desta. Com isso, destacam-se os relatos de outras participantes, as quais apontaram a enfermeira como o profissional de saúde mais envolvido nas ações de educação em saúde envolvendo a amamentação.

Recebi orientação a respeito das minhas dúvidas no pré-natal pelo enfermeiro da unidade. (N6)

Tive oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas com o enfermeiro da unidade, o que não aconteceu com minhas amigas do particular e convênio. [...] No SUS é muito importante a orientação do enfermeiro, pois o médico nem sempre dispõe de tempo para fazer orientações que o enfermeiro faz. (N7)

Eu tive oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas no meu pré-natal com o enfermeiro, pois a médica nem sempre falava sobre amamentação. (N8)

Estas falas sinalizam a presença do profissional de enfermagem e a importância de sua atuação e apoio desde o pré-natal, bem como também apontam o distanciamento do médico e apresentam-no como alguém que não se envolve com as ações de educação em saúde por não dispor de “tempo” da mesma forma como o enfermeiro.

Contudo, identificou-se em outros estudos^{17,19} que, muitas vezes, o enfermeiro também tem uma conduta semelhante ao médico. Nestes, os autores^{17,19} destacaram o enfermeiro como um profissional que pouco contribuiu para o processo de amamentação.

Portanto, considera-se que cabe ao profissional de enfermagem identificar e compreender o processo do aleitamento materno no contexto sociocultural e familiar e, a partir dessa compreensão, cuidar tanto do trinômio mãe-bebê-família. É necessário que o profissional busque formas de sensibilizá-la sobre a importância de aderir e manter a prática da amamentação. O profissional precisa estar preparado para prestar uma assistência eficaz, solidária, integral e contextualizada, que respeite o saber e a história de vida de cada mulher e que a ajude a superar medos, dificuldades e inseguranças.¹

Por fim, ainda destaca-se que uma das puérperas considerou não ter sido orientada adequadamente pelos profissionais de saúde, o que neste caso, incluiu tanto o enfermeiro quanto o médico. Ela atribuiu à ausência de orientações ao fato de ser múltipara, o que, segundo ela, pode ter gerado nos profissionais de saúde a crença de que ela não apresentava nenhuma dúvida em relação à amamentação.

Na primeira gravidez, tive mais orientação do que na segunda. Me explicaram melhor [na primeira gestação] [...] [Na segunda gestação] não me incentivaram tanto a respeito da amamentação quanto da primeira, porque eu acredito que achavam que eu já sabia. (N1)

Destaca-se que, embora esta puérpera já tenha vivenciado o período gravídico-puerperal e o próprio processo de amamentação anteriormente, esta ainda precisa ser orientada pelos profissionais de saúde sobre esses eventos. Autores⁴ corroboram ao afirmarem que os atos humanos, entre eles, a amamentação, não envolvem uma mera repetição. Portanto, entende-se que o ato de amamentar é um processo diferente a cada experiência e, por isso, sempre precisa ser ensinado, aprendido e reaprendido.²⁰

Além desta participante, outra também referiu não ter recebido orientações sobre amamentação durante o pré-natal. Conforme a depoente, a temática foi abordada sobre no ambiente hospitalar, após o processo de parturição.

Na verdade, não recebi orientações na gestação quanto à amamentação, mas como eu já tinha um filho antes, já sabia mais ou menos o que fazer. Recebi a orientação logo após o parto pelas enfermeiras do hospital. (N4)

Conforme mencionado anteriormente, considera-se o pré-natal como o momento mais adequado para a troca de saberes e orientações sobre amamentação, pois, nesse período, as mulheres estão motivadas para receber estas informações e têm tempo para compreender e esclarecer suas dúvidas.²¹ Apesar de o período gravídico ser considerado o momento mais oportuno para abordar as questões que envolvem a amamentação, acredita-se que estas também devem ser repassadas durante o período de permanência da mulher no ambiente hospitalar. Ademais, ao retornar para o domicílio, especialmente nos primeiros dias, que é o período em que a lactação se estabelece, a mulher necessita de apoio e orientação constantes, pois é uma fase marcada por intensos aprendizados.²²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de amamentar imprime muitos sentimentos às mulheres, os quais podem ser positivos ou negativos. Na perspectiva das mulheres entrevistadas, neste estudo, evidenciaram-se sentimentos positivos em face ao ato de amamentar. Assim, o sentimento de felicidade emergiu ao associar a amamentação a um momento bom, único e de sensações agradáveis e inexplicáveis.

Verificou-se, também, que estes sentimentos positivos se relacionaram às expectativas das mulheres em torno da prática da amamentação. Logo, algumas participantes revelaram apresentar o desejo de amamentar desde o período gestacional, o qual se concretizou durante o puerpério, gerando, assim, uma sensação de realização pessoal. Ainda, observou-se que algumas mulheres apresentaram dificuldades no estabelecimento da amamentação. Contudo, entre elas, prevaleceu o reconhecimento quanto à importância desta prática para a saúde da criança atrelado ao seu desejo pessoal de amamentar e, assim, elas persistiram, até conseguirem amamentar seus filhos.

Nos relatos das puérperas, o ato de amamentar também associou à possibilidade de criação de vínculo de amor e afeto com o filho, a partir de um momento singular e único para ambos. Ao mesmo tempo, identificou-se sentimentos de insegurança e frustração. Entretanto, estes sentimentos apresentaram-se ligados à fase inicial de estabelecimento da amamentação, momento no qual as mulheres, em especial às primíparas, temem não conseguir amamentar seus filhos; ou quando necessitam interromper o processo de aleitamento materno devido ao retorno das atividades laborais e à falta de apoio da empresa para dar continuidade a esta prática. Nessa direção, desvelou-se o valor atribuído pelas mulheres à prática da amamentação, sendo esta extremamente valorizada por elas.

Com relação às vivências maternas associadas ao processo de amamentação, identificou-se que o apoio da família e no ambiente de trabalho são fundamentais para o sucesso da amamentação. Contudo, em alguns depoimentos, foi possível verificar que, embora houvesse a participação efetiva da família, auxiliando a mulher em diversas situações, a vivência da amamentação de algumas mulheres foi marcada pela ausência de apoio e suporte da empresa, contribuindo, até mesmo, para a interrupção do aleitamento materno. Entretanto, infere-se que a identificação e o reconhecimento quanto às

Silva CMS da, De Bortoli CFC, Massafera GI et al.

Sentimentos e vivências maternas associadas ao...

barreiras e facilitadores encontrados pelas mulheres nos contextos laborais são imprescindíveis, pois configuram-se em ferramentas importantes no planejamento e elaboração de estratégias para qualificar a assistência à mulher trabalhadora que amamenta.

Ademais, verificou-se que a participação do enfermeiro, segundo as depoentes, foi de grande importância, pois eles exerceram seus papéis de educadores na prática da amamentação. Eles orientaram as mulheres de forma eficaz sobre os cuidados necessários com a mama e as condutas diante das problemáticas apresentadas nesse processo, além de apoiarem e incentivarem a continuidade da prática. Considera-se, assim, que a atuação do enfermeiro permitiu que as mulheres e seus familiares pudessem vivenciar positivamente esse período.

Ao mesmo tempo, verificou-se que o médico pouco se envolveu durante esta fase e que a pouca participação deste é justificada pelas mulheres devido ao “tempo escasso” que este possui, quando comparado ao enfermeiro. Ademais, nos momentos em que este foi destacado como o profissional de saúde que orientou as participantes, elas destacaram suas orientações como “vagas”, sendo necessário que estas buscassem informações com outros profissionais ou em veículos de comunicação, como a internet e informativos impressos.

Assim, evidencia-se a importância dos profissionais de saúde, entre eles, enfermeiros e médicos, atuarem como promotores, protetores e apoiadores da amamentação, por meio de estratégias educativas, que envolvam as mulheres, seus companheiros e demais familiares. Salienta-se também a necessidade de uma abordagem profissional que ultrapasse as fronteiras do biológico, deixando de considerar a amamentação como um ato meramente instintivo e biológico.

A amamentação é um processo histórico, social, cultural e psicologicamente delineado, permeado por mitos, crenças, tabus e valores enraizados e culturalmente aceitos no contexto de vida de cada mulher. Pondera-se que, para prestar um cuidado integral e diferenciado, é necessário que o profissional de saúde que assiste à mulher e sua família durante essa fase considere e valorize todos estes aspectos imbricados no ato de amamentar. Mais do que isso, é necessário vivenciar o cotidiano da prática do aleitamento materno, compartilhando saberes mas também reconhecendo e respeitando as experiências e os conhecimentos perpetuados nesses contextos, pois estes são capazes de

influenciar e determinar a adesão e a continuidade do ato de amamentar.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.
2. Souza SDH, Mello DF, Ayres J. Breastfeeding from the perspective of programmatic vulnerability and care. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2013 [cited 2015 Feb 10];29(6):1186-94. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v29n6/a15v29n6.pdf>
3. Silva MB, Moura MB, Silva AO. Desmame precoce: representações sociais de mães. *Rev Eletr Enf* [Internet]. 2007 [cited 2015 Feb 10];9(1):31-50. Available from: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/7134/5047>
4. Fujimori E, Nakamura E, Gomes MM, Jesus LA, Rezende MA. Aspectos relacionados ao estabelecimento e à manutenção do aleitamento materno exclusivo na perspectiva de mulheres atendidas em uma unidade básica de saúde. *Interface comun saúde educ* [Internet]. 2010 [cited 2015 Feb 11];14(33):315-27. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a07v14n33.pdf>
5. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
6. Ministério da Saúde (Brasil). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP); 2012.
7. Junges CF, Ressel LB, Budó MLD, Padoin SMM, Hoffmann IC, Sehnem GD. Perceptions of women in puerperium regarding factors that influence breast feeding. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2010 [cited 2015 Feb 10];31(2):343-50. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n2/20.pdf>
8. Antunes LS, Antunes LAA, Corvino MPF, Maia LC. Amamentação natural como fonte de prevenção em saúde. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2008 [cited 2015 Feb 11];13(1):103-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n1/14.pdf>
9. Tamez RN. Atuação de enfermagem. In: Carvalho MR, Tavares LAM. Amamentação: bases científicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

Silva CMS da, De Bortoli CFC, Massafera GI et al.

Sentimentos e vivências maternas associadas ao...

10. Araújo VS, Medeiros APDS, Barros ADC, Braga LS, Trigueiro JVS, Dias MD. Destete precoce: aspectos de la realidad de las trabajadoras informales. *Rev Enf Ref* [Internet]. 2013 [cited 2015 Feb 11];3(10): 35-43. Available from:

<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserlln10/serlln10a05.pdf>

11. Diehl JP, Anton MC. Fatores emocionais associados ao aleitamento materno exclusivo e sua interrupção precoce: um estudo qualitativo. *Aletheia* [Internet]. 2011 [cited 2015 Feb 12];34(s/v). Available from:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942011000100005&script=sci_arttext

12. Marques ES, Cotta RMM, Magalhães KA, Sant'Ana LFR, Gomes AP, Batista RS. A influência da rede social da nutriz no aleitamento materno: o papel estratégico dos familiares e dos profissionais de saúde. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2010 [cited 2015 Feb 11];15(1): 1391-400. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/049.pdf>

13. Cabral PP, Barros CS, Vasconcelos MGL, Javorski M, Pontes CM. Motivos do sucesso da amamentação exclusiva na perspectiva dos pais. *Rev Eletr Enf* [Internet]. 2013 [cited 2015 Feb 10];15(2):454-62. Available from:

http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n2/pdf/v15n2a19.pdf

14. Silva BT, Santiago LB, Lamonier JA. Apoio paterno ao aleitamento materno: uma revisão integrativa. *Rev paul pediatri* [Internet]. 2012 [cited 2015 Feb 10];30(1):122-30. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/rpp/v30n1/18.pdf>

15. Marques ES, Cotta RMM, Priore SE. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. *Ciênc Saúde Colet* [Internet]. 2011 [cited 2015 Feb 12];16(5):2461-8. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n5/a15v16n5.pdf>

16. Moraes AMB, Machado MMT, Aquino PS, Almeida MI. Vivência da amamentação por trabalhadoras de uma indústria têxtil do Estado do Ceará, Brasil. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2011 [cited 2015 Feb 13];64(1):66-71. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n1/v64n1a10.pdf>

17. Batista KRA, Farias MCAD, Melo WSN. Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. *Saúde em Debate* [Internet]. 2013 [cited 2015 Feb 13];37(96):130-8. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n96/15.pdf>

18. Holmes AV, McLeod AY, Thesing C, Kramer S, Howard CR. Physician breastfeeding education leads to practice changes and improved clinical outcomes. *Breastfeeding Med* [Internet]. 2012 [cited 2015 Feb 14];7(6):403-8. Available from:

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23046226>

19. Demitto MO, Silva TC, Páschoa ARZ, Mathias TAF, Bercini LO. Orientações sobre amamentação na assistência pré-natal: uma revisão integrativa. *Rev RENE* [Internet]. 2010 [cited 2015 Feb 13];11(esp):223-9. Available from:

http://www.revistarene.ufc.br/edicaoesspecial/a25v11esp_n4.pdf

20. Prates LA, Schmalfluss JM, Lipinski JM. Problemas e condutas adotadas por puérperas durante a lactação. *Rev enferm UFPE on line* [Internet]. 2015 [cited 2015 Feb 14];9(2):500-8. Available from:

http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/6770/pdf_7093

21. Alves BA, Cursi J, Labegalini MPC, Higarashi IH, Bercini LO. Mães com aleitamento materno exclusivo em centro de educação infantil no local de trabalho. *Rev RENE* [Internet]. 2009 [cited 2015 Feb 14];10(3):27-36. Available from:

<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/512/pdf>

22. Prates LA, Schmalfluss JM, Lipinski JM. Amamentação: a influência familiar e o papel dos profissionais de saúde. *Rev Enferm UFSM* [Internet]. 2014 [cited 2015 Feb 13];4(2):359-67. Available from:

<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reufsm/article/view/10631/pdf>

Submissão: 19/02/2015

Aceito: 20/08/2015

Publicado: 15/09/2015

Correspondência

Cleunir de Fátima Candido De Bortoli
Universidade Federal de Santa Maria
Departamento de Enfermagem - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
Centro de Ciências da Saúde (CCS) - Prédio 26
Avenida Roraima, 1000 / Bairro Cidade Universitária
Bairro Camobi
CEP 97105-900 – Santa Maria (RS), Brasil